



As Glórias de Deus

por **Marcelo Uchôa** | marcelo.uchoa@me.com

Enquanto escrevemos este artigo experimentamos, todos nós, uma transformação completa do Mundo, uma total modificação do panorama antropológico da criatura humana; tanto do seu ponto de vista econômico como também social, e até mesmo religioso, uma vez que os templos foram esvaziados pela imposição da reclusão social, o que levou à imperiosa revisão de algumas práticas religiosas.

Vivemos dias desafiadores!

Fomos convidados à ressignificação. O *Homo Sapiens Sapiens*, cuja definição é “(...) *aquele que sabe*”, descobre que ainda conhece muito pouco de si mesmo, fazendo recordar Sócrates, que pronunciava com afincado a exortação contida no pórtico do Oráculo de Delfos: “*Conhece-te a ti mesmo*”, objeto de muita reflexão por parte de Agostinho de Hipona.

A criatura humana parece ter recebido o curioso ticket de ingresso a um espetáculo novo, que compreende a leitura da vida em novos patamares. Trata-se de uma completa transformação.

Aprendemos em física clássica que a palavra transformação significa “*qualquer alteração no estado de um sistema*” e que a palavra sistema, visitando antigos conceitos de Engenharia de Software, pode ser compreendida como “*um conjunto de elementos interdependentes de modo a formar um todo organizado.*”



Uma das grandes contribuições da filosofia grega para a comunidade ocidental foi o conceito da Política, cuja palavra derivada do grego *pólis*, que significa Cidade. Grosso modo, o homem político é o homem que aprendeu a viver de forma organizada e em sociedade. Aliás, a palavra civil que deriva do latim *civilis* dá origem à palavra Civilização. O homem civilizado é, portanto, um cidadão, é aquele que aprendeu a viver organizadamente em um grupo social, formando um sistema.

Para os gregos, uma vida organizada e, portanto, sistematizada, privilegiava o conceito do bem comum. O homem social e político pode ser



compreendido como aquele que faz das suas atitudes um benefício para todos à sua volta, entretanto, desde a revolução industrial do século 19 até a concepção extremista do capitalismo marxista, o homem se viu compelido a acreditar na finitude de suas possibilidades, centralizando as suas aspirações na *coisificação* de sua existência, retirando a necessidade da consistência de si próprio, onde o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman vai chamar esta falta de consistência de fluidez, cunhando a expressão de *homem líquido*.

Permitindo-nos um olhar metafísico, encontraremos na Doutrina Espírita, que trouxe Cristo de volta, a ideia inolvidável de que nós somos Espíritos imortais, já que Ele mesmo se fez presente entre nós, após o terceiro dia de sua infame crucificação, mostrando, como nos diz o médium e humanista baiano Divaldo Pereira Franco, “(...)as glórias de Deus”.

A Doutrina Espírita é o sublime convite à reflexão da criatura humana sobre a imortalidade da alma. Nós não somos corpos! A doutrina do “*ter*” deve ser substituída pela majestosa sabedoria do





“*ser*”, expressa na Lei áurea do amor ao próximo cantada há mais de dois milênios pelo Rabi da Galileia.

A propósito de nossa evolução, onde investimos milhares de dólares em sondas espaciais que analisam espectros de luz em estrelas longínquas, o homem moderno se mostra incapaz de solucionar, pelo seu halo de orgulho e de egoísmo, os problemas basilares de saneamento básico no mundo, em erradicar a fome no planeta, em conseguir utilizar a riqueza de modo a dar o mínimo de dignidade para aqueles que, diariamente, morrem por não ter nada o que comer.

Torna-se imperioso visitar uma quase obviedade: a de que somos iguais em necessidades essenciais. Se o pão que nos chega à mesa (e às vezes, farto!) não encontra o endereço de um irmão de jornada, deveremos, ao menos, nos incomodar com esta situação, buscando os meios do bem comum, uma vez que nos declaramos como seres civilizados.



A grande pandemia no mundo parece ter sua psicogênese na própria criatura humana. Como pôde um vírus, de forma tão assustadora, revelar tanto sobre nós? Vivemos muito mais suscetíveis ao contágio do orgulho do que por um micro organismo, de modo que agora somos convidados a um outro tipo de contágio...

Vejamos o que nos disse Manoel Philomeno de Miranda na Obra Nos Bastidores da Obsessão quando, pela pena segura do médium baiano Divaldo Pereira Franco, escreve o novo mergulho na carne do Espírito Teofrastus:

“[...]Despertar para a verdade é, também, nascer para a responsabilidade. Conhecer o bem significar renunciar ao erro. O cego que se demora sem o contágio da visão por longos anos, ao despertar em manhã de formoso dia, sente a ardência da luz e experimenta o sofrimento que a claridade lhe produz.”

Será que estamos sentindo a ardência dessa luz? Será que a humanidade está sendo convidada à responsabilidade? O que representa o afastamento social e todo esse contágio? A história do homem na Terra, com algumas variações interpretativas de antropólogos e arqueólogos, mostra algo em torno de 200.000 anos, contudo, a Terra possui mais de 4 bilhões e 500 milhões de anos de existência, assim, proporcionalmente falando, somos ainda algumas poucas horas de um único dia no calendário anual da história do orbe terrestre. Há muito o que aprender.

Miranda, ainda na mesma obra e capítulo, vai antecipar reflexões dos dias atuais ao nos dizer que:

“[...]Identificar-se com a vida abundante pode parecer embate fácil; perseverar, no entanto, na comunhão com a Vida maior representa esforço sacrificial e continuado contra a aclimatação em que se vivia.”



Viver é um convite constante à própria transformação pessoal, e em Doutrina Espírita chamamos este viver de *encarnação*. Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos, na sua questão de número 132, vai incitar os Espíritos de escol a nos ensinarem que encarnamos com o objetivo de chegar à perfeição. Em uns, esta encarnação se faz revestida das dificuldades e sofrimentos plantados por nós mesmos no ontem de existências anteriores, cuja colheita do hoje nós chamamos de *expição*; entretanto, para outros, a encarnação pode significar grandes e novos desafios, são as provas, quando conquistadas, que imprimem na alma os novos patamares intelecto-morais alcançados. Para este último, chamamos a experiência encarnatória de Missão.

Entretanto, embora se mostre bem completo este raciocínio, os Espíritos que respondem à pergunta nos dizem mais. Afirmam que:

“[...]Visa ainda um outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação.”

Estamos, portanto, diante de um momento único, tanto coletiva como individualmente. Os desígnios divinos



parecem se servir destes instantes de resignificação para o nosso exercício de cidadania; para a execução de muitas novas provas, trazendo patamares evolutivos maiores. Em alguns muitos casos, os mecanismos de engenharia social e divina, que se servindo do ecossistema construído por nós mesmos, impõem a expiação das nossas faltas com vista à nossa reeducação, afinal, Deus quer que aprendamos e não que sofram. Seja qual for a perspectiva em que nos encontremos, estamos sempre diante de uma Lei maior. Ninguém se julgue refém das circunstâncias.

João, o evangelista, vai afirmar de forma poética e concisa que “Deus é amor” e Allan



Kardec vai escrever, na questão 13 de O Livro dos Espíritos, que “*Deus é soberanamente Justo e Bom*”, assim, sendo Deus Absoluto, Onisciente e Onipotente, nada que se nos acontece pode fugir às *Suas vistas*.

Portanto, se a dor te bate à porta, solicitando renúncia e sacrifício, abnegação e paciência, lembra de Maria ao afirmar que “(...) *isso também passa*”. Todas as coisas mundanas são efêmeras e passageiras em se considerando a imortalidade, assim, por mais belas e imponentes sejam as construções ou por mais doloridas e pungentes sejam as tuas dores, elas passarão, mas o Espírito imortal que és permanecerá. Infinito em sua essência, você herdou o DNA divino da imortalidade, e viajará pela eternidade cantando as excelsas Glórias de Deus.



Marcelo Uchôa é palestrante, conferencista, trabalhador do Instituto Espírita de Educação, SP, além de articulista da Revista Presença Espírita, periódico da Mansão do Caminho.